

ÁRVORES

Preservando a araucária

por Lidia Rebouças, de Araucária

Para que a araucária não desapareça do mapa e a cidade mantenha a inspiração de seu nome, o município de Araucária mantém um viveiro de mudas que distribui cerca de 400 mil mudas da espécie por ano, iniciativa incrementada nos últimos cinco anos para assegurar o reflorestamento da região. "Essa distribuição deverá atingir 800 mil mudas até o final do ano", garante o secretário municipal da Agricultura, Gustavo Silvestrin.

O Viveiro Florestal de Guajuvira, mantido pela Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento de Araucária, também produz e distribui anualmente mais de 200 mil sementes e mudas de espécies nativas com erva-mate, eucaliptos e bracatinga que respondem pelo reflorestamento de mais de 100 hectares.

A manutenção do verde da paisagem também está nas ações do Instituto Ambiental do Paraná-Rural, que distribui, desde 1990, 30 mil mudas de árvores como a araucária, ipês, imbuia e canela para os pequenos produtores de Araucária. O objetivo é garantir a preservação das microbacias e mananciais onde estão as fontes de água. O município também recebe do governo do Estado do Paraná, através do Programa de Desenvolvimento Florestal Integrado, 40 mil mudas por ano de espécies energéticas, segundo informou o chefe do escritório regional de Curitiba, José Luiz Bolicenha.

Em Araucária existem quatro parques estaduais – Passarinho, José Wachovitz, Cachoeira e Linear – que são administrados e protegidos

por lei através da Secretaria Municipal de Saneamento e Meio Ambiente. Há dois anos a secretaria adquiriu uma área de 100 mil metros quadrados, no valor de aproximadamente R\$ 402 mil, para a ampliação do Parque Cachoeira, hoje com 280 mil metros quadrados.

Ademir Paiola, secretário municipal do Meio Ambiente, informou

que para a manutenção dos parques são plantadas anualmente 10,2 mil mudas, das quais 50% são de araucária. "O corte raso da mata nativa, que inclui espécies como a araucária, é estritamente proibido pelo código florestal", diz Paiola. Todos os pedidos de retirada de madeira devem ser autorizados, e a lei municipal exige que 20% da área do terre-

no da propriedade, seja industrial ou agrícola, deve ser mantida para preservação ambiental.

"O corte da araucária só é permitido para fins de construção. Nesse caso liberamos a retirada de somente quatro árvores, independente do tamanho da propriedade", explica Paiola.

Apesar de toda a fiscalização e

controle na preservação da araucária, existem vários casos de execução de multas por corte indevido, que resultam num processo civil dependendo do dano ao meio ambiente.

Existem vinte indústrias madeireiras em Araucária – 20% do parque industrial instalado no município – que consomem como matéria-prima principalmente o pinos. A área total de reflorestamento no município atinge cerca de 120 hectares, segundo dados da Secretaria da Agricultura. ■

Nomes e apelidos

por José G. Elias Netto, de São Paulo

A árvore da qual Araucária tirou o nome tem uma longa história de mitos e lendas, já mudou seu nome científico uma vez e tem apelidos até no exterior. A história mais fascinante é a da gralha azul, gracioso pássaro do porte de um papagaio, cuja avidez, espírito de providência e memória curta a tornaram a maior reflorestadora do País.

Não fosse a gralha azul, garantem compenetrados engenheiros florestais, não existiriam as extensas florestas de pinheiros (um dos apelidos da araucária), a base da riqueza dos estados do sul do País. A gralha azul não é propriamente entusiasta do reflorestamento. Age por puro egoísmo. Esconde sob a terra os pinhões – as deliciosas sementes que a araucária produz em abundância em abril e maio –, para ter alimento nos meses de vacas magras e para ninguém se aprovei-



tar do seu trabalho diligente e espírito de providência.

Mas a natureza criou-lhe uma armadilha, dotando-a de memória curta. A gralha azul esquece facilmente onde enterrou a maioria dos pinhões – e de cada esquecimento nasce uma nova árvore.

Mito ou lenda, até há pouco era praticamente tudo o que se sabia da árvore que entre as décadas de 40 e 60 ajudou a trazer boa parte dos dólares que o Brasil conseguiu lá fora.

Membro da família restrita das Araucariaceae, a araucária "brasileira" (é nativa também em trechos do norte da Argentina) não teve sequer respeitado seu nome científico de batismo: de *Araucaria brasiliana* passou para a *Araucaria angustifolia*, mais sonoro, porém provavelmente não definitivo, pois nomes científicos costumam mudar ao sabor dos caprichos dos botânicos.

Mas os populares resistem. Os índios tupi-guaranis a chamavam de curi – ou cori –, do qual surgiu o nome da capital do Paraná (seria outra lenda): tiba, no tupi-guarani, é aglomeração, quantidade. Daí uma pequena palavra – curitiba (o nome original era Coritiba) – dizer tudo: região onde havia grandes aglomerados de pinheiros. Curi, ou cori, ainda

é usado em certos lugares do interior, como também o de pinheiro-são-josé, outro apelido antigo. Nacionalmente, e no exterior, pinheiro brasileiro, pinheiro do Paraná (seu nome mais universal, embora os outros dois estados do Sul também tenham sido cobertos por grandes pinheirais). O pinheiro do Paraná foi popularizado pelos ingleses (Paraná pine, para distinguir sua madeira da dos pinhos – ou pines – de regiões européias), Ingleses, ao lado de argentinos, foram grandes importadores da madeira do pinheiro brasileiro, uma madeira fácil de trabalhar, bastante estável e de baixo preço. O mais estranho apelido, porém, é também dos ingleses: árvore candelabro. O nome é inspirado na figura do pinheiro adulto, quando seus galhos se vergam em direção ao céu e sua copa assume o formato das chamadas taças de champanha – ou de um candelabro, como mais parece aos ingleses. ■

Class. 07
 Data 10/9/95 Pg. 4
 onte 9m
 OCBAMBIENTAL
 Documentação
 157